

# A RENASCENÇA DO TEATRO EM VITÓRIA

Texto de Edvaldo dos Anjos  
fotos de Joecir Gonçalves Secreta

A criação de um teatro de estúdio para formação de atores, cenógrafos, iluminadores, contra-regras e assistentes de direção é uma idéia de Antonio Carlos Neves que a Fundação Cultural adotou. Para participar dessa pequena escola, qualquer pessoa interessada pode se inscrever no Carlos Gomes até o dia 31. Antonio Carlos Neves, como diretor do Teatro Estúdio, Delton Souza, como coordenador das atividades teatrais da Fundação Cultural e Afonso Abreu, como chefe do Serviço de Teatro, são os responsáveis por essa iniciativa, que é dar uma base técnica aos artistas, que sempre existiram pela intuição e entusiasmo pessoal.

"Não será uma escola de teatro, como muitos dos nossos diretores, atores e autores já reivindicaram ao Governo do Estado. Será uma mini-escola, mas terá objetivos didáticos e procurará criar um clima teatral em Vitória, além de levar peças para quase todo o Estado, sempre na intenção de formar um público interessado na arte mais viva e que maior emoção transmite". São muitos os planos e opiniões de Delton Souza e Antônio Carlos Neves, a quem está entregue a coordenadoria do Teatro Estúdio da Fundação Cultural do Espírito Santo.

Delton anuncia que será feito um cadastramento rigoroso de todos os grupos teatrais existentes no Espírito Santo e para isso visitará vários municípios. A idéia é manter um intercâmbio de apresentações e beneficiar os grupos com verbas estaduais e federais, além de fornecer-lhes uma orientação sobre escolha de peças e possibilitar seu acesso aos cursos e ensinamentos teóricos patrocinados pela Fundação. Depois do cadastramento, os grupos sairão de suas cidades para se apresentar em outras, incluindo Vitória, o que traria uma proveitosa movimentação teatral, não só para eles, como para o público também.

Outro plano revelado por Delton Souza é a promoção de uma mostra teatral no Carlos Gomes, possivelmente oferecendo prêmios e semelhante ao festival organizado uma vez por Milton Henriques e que foi sucesso. Cursos sobre as diversas categorias do teatro estão entre as prioridades da Fundação e serão promovidos na maioria em conjunto com a Ufes. Delton explica: "A Fundação está procurando um entrosamento maior com a Universidade, mas a partir do momento em que ela vai conquistando público, qualquer pessoa, não só universitários, será bem recebida em nossos cursos". Gianni Ratto, de Gota d'Água, por exemplo, virá em julho para dar um curso de cenografia. Recentemente a Fundação convidou Klaus Vianna para um curso de expressão corporal, mas ele não pôde vir e mandou outra pessoa para ensinar sobre o assunto, reunindo cerca de 60 pessoas. Delton diz que tais cursos não serão necessariamente ministrados por professores ou profissionais de outros estados. Quem tiver capacidade, será convidado. Ele lembra que uma das preocupações para este ano é o reinício das atividades do grupo infantil do Carlos Gomes, o qual foi criado na época de Marien Calixte no Teatro, sobreviveu sob a direção de Gilson Sarmento e acabou se dissolvendo, lamentavelmente. Depois de começar a criar um público infantil, graças principalmente ao sempre espaçoso Milton Henriques. Desse assunto quem cuidará é Antônio Carlos Neves.

Delton Souza fala de sua experiência trabalhando no Teatro Carlos Gomes: "A presença das pessoas no Teatro depende do hábito. Se não adquirirmos o hábito de vir novamente, não virão em hipótese alguma, pois passarão a ter uma visão negativa do Teatro, o próprio prédio do Carlos Gomes pode lhes parecer um elefante branco... Há também o problema do preço. As pessoas acham que é um negócio caríssimo, mas não é. Acho que ainda não conseguimos saber direito quais são as opiniões do público, mas pretendemos chegar a isso, ao ponto em que as pessoas passem a ir ao teatro normalmente, como vão ao cinema". Apesar dos vários anos de existência da Fundação Cultural e da reforma do Carlos Gomes, a popularidade teatral ainda não foi alcançada em Vitória e representa, sem dúvida, um desafio que as pessoas que agora estão à frente dos setores oficiais, que mais podem fazer. Delton acha que o preço cobrado não deveria ser obstáculo para se ir ao Carlos Gomes: "No Rio, eu fui ver Gota d'Água, uma peça que atinge a todo mundo, e lá para você conseguir um ingresso para esse espetáculo é uma verdadeira loucura. Eles modificavam os preços durante a semana, mas no sábado e domingo o preço era único. O mínimo que eles estavam cobrando era 40, 50 cruzeiros. O máximo que a gente cobra aqui, normalmente, é 30 cruzeiros. Por isso eu acho que os preços daqui estão baratos demais".

E como escolher peças para apresentar no Carlos Gomes? Quais são os critérios? Delton responde: "A gente tem que manter um nível. Acho que não adianta colocar uma coisa no palco que o cara sentado na platéia vai ouvir, vai embora e não vai entender nada. Acho que a política da Fundação não é essa. A política da Fundação é formar público e informar. A partir do momento em que se está dando informação ao cara, ele está se formando". No ano passado, duas peças apresentadas no Carlos Gomes, *Crimes Delicados* e *Vozes Passadas Selvagens*, conseguiram somente irritar o público em sua tendência para a obscuridade. O que acha Delton disso? "A partir do momento em que uma peça dessas é destacada pela crítica nacional, é vista por um assessor da Fundação e nos certificamos do seu interesse, então procuramos trazê-la a Vitória. Há o problema de não se poder trazer uma peça que faz

sucesso no Rio porque um dos atores trabalha na televisão e não pode sair da cidade. Realmente, acho que é um esforço muito grande que nós fazemos para contratar espetáculos que agradem ao público daqui. Nosso critério de escolha nem sempre é baseado numa opinião pessoal de alguém ligado à Fundação. Pegamos os jornais, revistas, para ler a opinião dos críticos, acompanhamos a peça desde o seu "nascimento". Há ainda informações de outras pessoas, fazemos uma pequena pesquisa para ver se a peça seria bem recebida aqui; depois se faz o apanhado geral e se tira as conclusões. Não podemos nos basear no nosso gosto apenas".

Delton Souza dá uma boa notícia: "Estamos interessados em trazer *Gota d'Água* a Vitória e eu inclusive sondei essa possibilidade quando estive no Rio. Mas soube que alguns atores estão doentes, outros muito cansados e por isso teremos que esperar. Acho que não haveria problema de encenação por causa do tamanho do palco do Carlos Gomes, pois é só fazer uma diminuição dos cenários, uma adaptação".

Antônio Carlos Neves começa a falar agora sobre um assunto que o fascina há muitos anos — teatro — e da idéia de se criar o Teatro Estúdio em Vitória:

"Fui convidado para dirigir um grupo de teatro, que ainda tem que ser formado. Seria também o Teatro Estúdio. A idéia disso partiu do seguinte: por volta de 60,66,68, época em que eu saí daqui, nós criamos o

"A partir desse problema é que organizei o plano. Seria a criação de um Teatro Estúdio em primeiro lugar. Não seria exatamente uma escola de teatro. Escola já dá idéia de vários quadros, várias cadeiras, vários professores e tudo o mais. Já estúdio dá idéia de uma coisa íntima, de bolso, pequena, miniatura, seria uma escola miniatura, em que vou tentar, antes de apresentar uma peça, tentar criar justamente essas bases técnicas de criação de um personagem, que é fundamental. Isso vai funcionar no edifício das Fundações (perto do Palácio do Governo), onde há um auditório, que nós pretendemos adaptar para fazer uma espécie de teatro de bolso. E ali mesmo vai funcionar a sede do Teatro Estúdio. Já abrimos inscrições para atores, cenógrafos, iluminadores, contra-regras e assistentes de direção. Essas inscrições estarão abertas até 31 de maio. Depois, a partir do dia 8 de junho, vamos ter os ensaios gerais e, dependendo do número de inscritos, vamos fixar os horários e serão feitos os testes (os atores interpretarão um texto e os técnicos serão entrevistados)".

"Vamos formar um grupo, o grupo de teatro da Fundação Cultural, aproximadamente um número de 17 pessoas, atores e mais os técnicos. Começaremos assim o trabalho de base. Então esse grupo teria acesso a todos espetáculos promovidos pela Fundação, teria uma biblioteca especializada para o trabalho de preparação, teria um teatro de bolso para ensaiar e, à medida que a coisa for funcionando, haverá um sis-

tema de rodizio de peças. Nós vamos ensaiar duas peças ao mesmo tempo e, enquanto uma estaria estreando em Vitória, a outra estaria estreando em Cachoeiro, Colatina... E quando essa viesse para Vitória, a outra estaria indo para o interior. Então, ao mesmo tempo se estaria ensaiando um novo espetáculo, para que houvesse sempre um verdadeiro intercâmbio, não só estadual, como também interestadual. Nós levaríamos esse grupo a outros estados, ao festival de Ouro Preto, Paraná e onde quer que estivesse havendo festivais. E traríamos também outros grupos aqui em Vitória. Outra idéia nossa: todos os atores receberiam uma quantia como estímulo, incentivo. Seria formada também uma central de peças, visando um levantamento do teatro aqui no Espírito Santo, porque há muita pouca coisa escrita, documentada, sobre a história do Espírito Santo, o folclore, sobre a cultura... Então seria formada uma central de peças ligada ao Teatro Estúdio, em que os próprios elementos do grupo começariam a fazer trabalho de elaboração de peças, baseados principalmente na história do Espírito Santo. Então começariamos a apresentar essas peças, assim como o grupo iria trabalhar na tradução de peças, que é um problema muito sério no Brasil".

ainda existe a possibilidade da TV Espírito Santo, que a Fundação está implantando. Seriam apresentados espetáculos de teatro na televisão. Isso abre uma perspectiva muito grande, não só para o ator como para o espectador, que vai ter várias opções".

"O problema de espaço para ensaios de todos os grupos em Vitória é o seguinte: é que praticamente existem só os grupos Geração e o da Barra atualmente. No Grupo da Barra, por exemplo com exceção de Paulo de Paula e Branquinho Santos Neves, todos os outros atores fazem parte do Grupo Geração. Joelson, Alcione, Bob de Paula... E à medida em que nós realmente temos poucas pessoas que fazem teatro aqui, eu espero e estou confiante de que nas inscrições para o Teatro Estúdio surjam outras pessoas interessadas, interessadas não somente em se inscrever, olhar, sentir a novidade e depois cair fora, mas que façam realmente um trabalho contínuo, talentoso e esforçado. Porque trabalhar como ator aqui é realmente muito difícil, pois você trabalha o dia inteiro, em vários lugares e, chega à noite, vai ensaiar totalmente cansado. Não é um trabalho de brincadeira, você ensaiar uma peça durante três meses, todos os dias, é um trabalho muito pesado. Então eu espero realmente que apareçam pessoas interessadas, embora eu ache, contando a dedo, que no Espírito Santo, ou melhor, aqui em Vitória, existem 17, 18 atores atualmente funcionando. Quer dizer, a minha impressão é que o Teatro Estúdio já

tinha, não tinha nada, trabalhava na base da intuição. Lanchini também, todo mundo era assim. Ninguém sabia nada de teatro, nem teoricamente. Foi mais na base do amor e do entusiasmo, mas se conseguiu realmente criar um movimento teatral em Vitória. O fato de não se ter tido experiência não é argumento, até hoje não se tem experiência teatral... Acho válido fazer teatro infantil, acho fundamental, porque inclusive o público infantil precisa, mas o que eu não posso admitir é que se faça apenas teatro infantil. Ou então se faça apenas teatro adulto. O importante é fazer os dois. Não se pode fazer uma coisa de forma unilateral".

"Acho que, na medida em que a gente está ligado a teatro, assim como também está ligado a cinema, a gente sempre quer fazer tudo. Eu tenho várias idéias de peças na cabeça, vou montar agora em junho o *Alinhavo*, antes eu tinha escrito uma sátira sobre vampiros, mas tive que parar para começar a ensaiar *Alinhavo*, que é uma peça minha. A partir do momento em que a gente está realmente ligado de coração a alguma coisa, a gente sempre quer fazer alguma coisa mais, talvez até um pouco do que a gente pode. Eu tenho planos para escrever mais peças, porém, no momento, com o Teatro Estúdio, decidi me ater mais a textos reconhecidos dramaticamente, já com um certo gabarito. Isso para dar oportunidades realmente profundas a quem ator possa elaborar um trabalho".

"Nós iremos ensaiar no Teatro Estúdio, no edifício das Fundações, mas isso não quer dizer que vamos nos apresentar apenas lá. Pretendemos trabalhar também no teatro de arena, no Carlos Gomes, quer dizer, criar várias opções. Agora evidente que um cenário que exija um cenário maior, exigirá um tipo de palco italiano, como o do Carlos Gomes, enquanto uma peça que não exija um cenário muito grande a gente pode apresentar no teatro de bolso. E uma peça que a gente tenha intenção de levar para um público de teatro de arena, será apresentada num teatro de arena. Esse é o teatro mais barato que existe, porque praticamente não exige nada. Exige apenas projetores e uma mesa de iluminação. As arquibancadas são a coisa mais simples de fazer, são de madeira. Na época do Geração, nós fizemos um teatro de arena contando com nossos próprios recursos e isso mostrou realmente que se pode fazer um teatro de arena sem se gastar muito. Eu acho pessoalmente que o antigo mercado da Capixaba seria o lugar ideal para um teatro de arena. Falou-se muito em criar ali uma feira de artesanato. Agora, uma feira de artesanato é importante, mas ela pode ser feita em qualquer lugar aberto, enquanto um teatro tem que ser em ambiente fechado. Um lugar melhor que o mercado da Capixaba não existe, pois está praticamente armado para se colocar o palco de madeira, circular e as arquibancadas em volta. Uma feira pode ser feita em qualquer lugar, inclusive é muito mais importante fazer uma feira num lugar aberto, onde as pessoas passem e vejam de longe".

"Quero esclarecer que estamos começando esse trabalho relacionado com o Teatro Estúdio, e a formação de um grupo de teatro, e que realmente pretendemos fazer esse trabalho, difícil de ser iniciado, mas é preciso dar o primeiro passo. A partir da publicação do edital de inscrição, esperamos que pessoas interessadas se inscrevam, participem, dêem tudo de si, porque a formação teatral aqui no Espírito Santo depende mais do entusiasmo com que as pessoas vão encarar a criação desse Teatro Estúdio. Isso é uma iniciativa que objetiva eliminar grupismos, criar umas bases reais para a atividade teatral, a partir de um trabalho de base com atores e técnicos. Porque não se pode dizer que no Rio, São Paulo, Minas, Bahia, exista gente mais talentosa, isto é um absurdo. O que existe talvez seja uma organização maior. A medida em que a gente conseguir alcançar essa organização, com a ajuda de todas pessoas interessadas, acho que a gente pode ser igualar e talvez ultrapassar todos esses estados que no momento se sobressaem na esfera teatral".

Para terminar, eis um pequeno resumo das atividades de Antônio Carlos Neves: estudo numa escola de cinema em Brasília; trabalho na TV Record como *cameraman*; criação e recriação do grupo teatral Geração em Vitória, montando *Areia Conta Zumbi* e *Juventude de Raiva e Muito Amor*; premiado num Festival de Cinema Amador do JB por melhor fotografia; seis anos na Europa, estudando direção de cinema, teatro e TV, com muito trabalho prático, montando peças teatrais; autor de *Juventude de Raiva e Muito Amor*, José da Silva em *Confidências Agora*, não apresentada. *Morde, Meu Vampiro Morde*, inédita também; prque nas peças na academia europeia onde estudou: *Como Transformar uma Ilha Num Continente*, peça infantil premiada num concurso do Governo federal e, agora, *Alinhavo*.

## CADERNO DOIS

VITÓRIA, QUINTA-FEIRA, 27 DE MAIO DE 1976



Delton Souza e Afonso Abreu à frente do Carlos Gomes

Antônio Carlos Neves dirige o Teatro Estúdio

grupo Geração, que era praticamente o único que estava funcionando nessa época. O grande problema que enfrentávamos é que havia uma fuga muito grande de pessoas interessadas em teatro e cinema para os grandes centros. Rio, São Paulo. Isso porque não havia condições aqui. A Fundação Cultural não existia, o clima teatral não existia. Não existia uma escola de teatro, as dificuldades para se encontrar pessoas interessadas eram insuperáveis. Havia então a fuga para os grandes centros. Depois surgiu a Fundação Cultural e houve uma abertura para as pessoas da terra, assim como se começou a ver bons espetáculos de fora. Isso ajudou muito porque deu margem a que várias pessoas se interessassem por teatro, cinema mesmo, e começassem a descobrir que tinha uma certa vocação. Ao mesmo tempo, criou um problema muito sério, que foi quase a implantação de uma cultura de uma cultura exterior, adaptada, aqui dentro do Espírito Santo. Começou-se a esmagar praticamente todos os valores daqui, com a implantação de uma cultura com muito maiores possibilidades, como Rio e São Paulo".

Quando voltei para Vitória no ano passado, exatamente quando estava preparando o *Inspetor Geral*, me veio essa idéia de Teatro Estúdio, a partir exatamente desse fator e era uma idéia possível, porque, com o desenvolvimento industrial e tecnológico do Espírito Santo muito grande, estavam surgindo novas bases, de pessoas que vinham para cá e tudo o mais. Então começou a acontecer o contrário. Em termos de cinema, se a gente saía daqui para procurar chance lá fora, agora são as pessoas de Rio e São Paulo que vêm aqui realizar filmes. Chegou o momento então que temos de aproveitar toda potencialidade que temos aqui. Essa potencialidade ainda está prejudicada pela implantação de uma cultura exterior e porque não há muitas oportunidades. Não temos uma escola de teatro, não existem cursos básicos. Então, um ator que está trabalhando numa peça em Vitória ele está sempre trabalhando na base da intuição. Um ator aqui não tem condições de estudar técnica de criação do personagem, por exemplo, porque, é aquilo que eu falei, ele não tem material básico para apreender isso e não tem tempo. Chega na hora do ensaio, você tem que explicar todos os problemas técnicos de criação de um personagem. E geralmente você tem um prazo de dois meses para ensaiar uma peça e então vem o problema da rapidez, não se tem tempo para preparar um ator para criar um personagem. Somado a isso, tem outro problema, que é o da falta, justamente, de um clima teatral em Vitória, porque se você monta um espetáculo hoje, apresenta hoje, só daqui a 4,5 meses você vai apresentar outro. Então esse intervalo o público acha muito grande, e você não tem condições de criar um clima".

tema de rodizio de peças. Nós vamos ensaiar duas peças ao mesmo tempo e, enquanto uma estaria estreando em Vitória, a outra estaria estreando em Cachoeiro, Colatina... E quando essa viesse para Vitória, a outra estaria indo para o interior. Então, ao mesmo tempo se estaria ensaiando um novo espetáculo, para que houvesse sempre um verdadeiro intercâmbio, não só estadual, como também interestadual. Nós levaríamos esse grupo a outros estados, ao festival de Ouro Preto, Paraná e onde quer que estivesse havendo festivais. E traríamos também outros grupos aqui em Vitória. Outra idéia nossa: todos os atores receberiam uma quantia como estímulo, incentivo. Seria formada também uma central de peças, visando um levantamento do teatro aqui no Espírito Santo, porque há muita pouca coisa escrita, documentada, sobre a história do Espírito Santo, o folclore, sobre a cultura... Então seria formada uma central de peças ligada ao Teatro Estúdio, em que os próprios elementos do grupo começariam a fazer trabalho de elaboração de peças, baseados principalmente na história do Espírito Santo. Então começariamos a apresentar essas peças, assim como o grupo iria trabalhar na tradução de peças, que é um problema muito sério no Brasil".

"Como diretor do Teatro Estúdio, eu tentarei fazer um trabalho de base com os atores. Nós vamos tentar conversar com Denise Teixeira (professora de dança atualmente morando em Vitória) para ela nos dar uma idéia sobre expressão corporal e traremos agora o Gianni Ratto para um curso de cenografia. E tentaremos trazer outros professores para novos cursos, não só para o pessoal do grupo, mas para qualquer pessoa interessada. É nosso interesse fazer de seis em seis meses novos testes para incluir novas pessoas no grupo e dispensar outras, dando oportunidade a todos".

"Entre as peças planejadas para serem apresentadas pelo grupo, estão *A Colônia*, de Fernando Rojas; *A Importância de Ser Sereia*, de Oscar Wilde; *O Pato Selvagem*, de Ibsen; *Seis Personagens em Busca de um Autor* de Pirandello e, brasileiras, uma de Guilherme Figueiredo, *A Matrona do Etnos*; *Os Amores de Gabriela*, de Newton Belleza, *Labela*, o *Prisioneiro*, de Osman Lima. Existe uma série de outras idéias sobre peças. Agora tudo isso vai depender... Uma das idéias do plano é a criação de um teatro de arena, porque daria mais condições ao ator em termos de opções técnicas, porque um ator que só trabalha num tipo de palco italiano como esse do Carlos Gomes, ele acaba se limitando. Então o teatro de arena daria uma série de opções ao ator. Isso daria oportunidade também ao espectador de ter outras opções em termos de espetáculos, porque nós teríamos o Carlos Gomes, o teatro de arena, o teatro de bolso e

estaria englobando todos os grupos, porque efetivamente existem dois grupos funcionando, com exceção do de Floado Viana, que é de um grupo mais fechado mesmo, eles trabalham só entre eles mesmos, não pertencem a outros grupos, nem nada".

"Existem bons atores em Vitória. Agora, há um grande problema com relação a Vitória. E que todas as pessoas que vêm ao teatro têm uma mania de querer comparar os espetáculos de Vitória com os do Rio e São Paulo, o que é um absurdo, porque no Rio existem muitas oportunidades para realmente se criar um bom ator, existe uma escola, existe texto básico, existe uma experiência, que você adquire facilmente, pois há uma continuidade, existem vários grupos funcionando, existe teatro a semana inteira. Em Vitória, não existe nada disso. Os atores que funcionam no Rio de Janeiro são atores profissionais, a vida deles é o teatro, então eles trabalham de manhã até de madrugada, só em teatro, eles têm tempo para fazer isso. Agora, aqui em Vitória, não, todos os atores que estão funcionando, além de trabalhar intuitivamente, porque realmente não há uma base técnica, eles fazem um esforço sobre-humano no poder atuar, pois eles trabalham o dia inteiro. Chegam aos ensaios cansados. No Rio, além do tempo que têm, ensaiam durante seis meses, com toda preparação técnica, com toda experiência. Isso dá condições de você montar um bom espetáculo. Em Vitória, os atores trabalham num negócio que não têm nenhuma relação com teatro e não conseguem tempo suficiente para ensaiar. Então não se pode exigir dos atores daqui um espetáculo como os do Rio e São Paulo. Então o que a crítica faz, e o público também, é querer exigir do ator uma coisa que na realidade não é possível. E justamente por causa disso é que a gente, que está dentro do teatro e sente o esforço que eles fazem para realizar o trabalho, a força que eles imprimem ao trabalho, acredita que esses atores, com uma base técnica boa, uma experiência, podem realizar coisas muito boas".

"É idéia nossa criar um grupo de teatro infantil, ligado ao Teatro Estúdio. Eu não pretendo dirigir esse grupo diretamente. Penso escolher uma pessoa para tomar conta do teatro infantil, embora sem deixar de estar ligado ao teatro infantil. É um plano que pretendemos seguir. Acho que só teatro infantil, como praticamente houve aqui em Vitória, no início dos anos 70, realmente não leva a praticamente nada. Mas um teatro infantil complementando um teatro adulto é fundamental. Não acho válido dizer que só se fazia teatro infantil porque os atores não tinham experiência e assim seria mais fácil e tal... Acho um erro muito grande, porque experiência nunca ninguém teve aqui. Na época mesmo em que foi criado o Grupo Geração, ninguém nunca havia tido experiência teatral, eu não



